



FOTOJORNALISMO NO INTERCOM: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no congressos regionais de 2010 a 2014¹

Diogo Azoubel²

Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba - SP

RESUMO

O artigo é resultado de uma análise comparativa entre 12 estudos apresentados entre os anos de 2010 e de 2014 nos congressos regionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Esta pesquisa integra uma busca maior pelo que vem sendo produzido sobre fotojornalismo em eventos científicos de grande impacto nacional. Para tanto, selecionamos os artigos científicos que trazem entre as palavras-chave o termo “fotojornalismo”. O método de abordagem dialético permite a identificação de pontos de tensão e de convergência entre os dados e permite identificar, entre outros, como as mudanças na configuração do fazer fotojornalístico alteram a vida em sociedade e é alterada por ela. Além disso, a pesquisa revela como, longe de ser um documento neutro, a fotografia pode ser usada a serviço de estratégias mercadológicas para a circulação e consumo de periódicos.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cultura; jornalismo; fotojornalismo; Intercom.

1. INTRODUÇÃO

A quarta parte da investigação sobre como o fotojornalismo vem sendo pensado em eventos científicos nacionais de grande relevância tem como foco a análise comparativa dos artigos científicos apresentados nos congressos regionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), realizados de 2010 a 2014. Anteriormente, os focos foram os estudos circulados no âmbito do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) – em duas partes (AZOUBEL, 2015b. E 2015c.) – e aqueles apresentados durante os encontros nacionais da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) (AZOUBEL, 2015a.).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – Mestrado. E-mail: diogoazoubel@gmail.com



Realizado no primeiro semestre de 2015, este levantamento e análise foram articulados para possibilitar o aprofundamento das discussões sobre o tema à luz do método de abordagem dialético e de procedimento comparativo, conforme Marconi e Lakatos (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 101 e 107).

Nesta etapa da investigação, trabalhamos com o *corpus* de 12 artigos científicos: seis assinados por mulheres, sendo dois em coautoria de duas pesquisadoras com o orientador dos trabalhos; e seis por homens, sendo um em coautoria de dois pesquisadores³. Nessa perspectiva, novamente optamos por manter os nomes dos autores de acordo com o que consta no corpo de cada artigo analisado e na ordem em que eles são dispostos quando em coautoria.

Como passo primeiro para efetivação desta investigação, efetuamos um levantamento na base de dados do sítio da Sociedade, especialmente na que toca aos anais de cada um dos 25 eventos realizados no lapso temporal acima referido (http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1081&Itemid=134), em 15 de maio de 2015, a fim de identificar quais os estudos que, entre as palavras-chave apresentadas, contém o termo fotojornalismo. Sem qualquer tipo de inconsistência, mantivemos a análise de cada estudo, conforme a tabela abaixo:

Logo depois, nós nos ocupamos dos principais argumentos e reflexões extraídos dos dados coletados para que se alcance o objetivo antes referido: perceber como o fotojornalismo vem sendo pensado no Brasil.

³ A questão do número de trabalhos sobre fotojornalismo produzidos por pesquisadoras parece se equilibrar neste ponto, haja vista que o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indica que 51% dos 190.755.799 habitantes no Brasil são mulheres e 49% homens. Do total de textos analisados neste artigo científico, pouco mais de 33% são assinados por mulheres; quase 42% assinados por homens; cerca de 16,5% por mulheres e homens em coautoria; e quase 8,5% por homens em coautoria. Ou seja, 50% dos textos são resultado de estudos empreendidos por ou com mulheres. Apesar de ainda não trabalharmos com a questão do gênero da produção científica nacional sobre fotojornalismo, julgamos pertinente a observação de tais números para a condução de pesquisas futuras.



Tabela 1: Fotojornalismo nos Intercom: encontros regionais realizados entre 2010 e 2014

Nº.	ANO	TÍTULO	INTERCOM REGIONAL - GT	PROPONENTE(S) - INSTITUIÇÃO
1.	2010	Coletivo fotográfico: autoria e fotojornalismo em tempos de articulação em rede	Nordeste: Campina Grande - PB - DT 4 - Comunicação Audiovisual	Eduardo Queiroga - UFPE
2.	2011	“Publicidade-choque”: o uso de imagens fotojornalísticas na campanha <i>United Colors of Benetton</i>	Sul: Londrina - PR - DT 1 - Jornalismo	Juliana de Oliveira Teixeira - UEL
3.	2012	As metralhadoras votam em Alagoas: a narrativa de uma tragédia numa fotorreportagem de José Medeiros	Nordeste: Recife - PE - DT 4 - Comunicação Audiovisual	Marcelo Eduardo Leite - UFCE
4.		Fotojornalismo e multimídia: relações entre novas potencialidades narrativas	Sul: Chapecó - SC - DT 4 - Comunicação Audiovisual	Clério A. Back - Unicentro
5.		Gêneros do fotojornalismo e o deslocamento imagético na produção do Jornal de Londrina: 1994 e 2011		Lauriano Atílio Benazzi - UEL
6.	2013	O caso Demóstenes: a queda do senador vista pelas fotografias do jornal Folha de S. Paulo e “não vista” pela revista Veja	Sudeste: Bauru - SP - DT 1 - Jornalismo	Deysi Oliveira Ciocari - Faculdade Cásper Líbero
7.		O fotojornalismo em questão	Sudeste: Bauru - SP - DT 4 - Comunicação Audiovisual	Joyce Guadagnuci - UNIMEP
8.		Criando ícones: a construção da memória das guerras pelas fotos		Vinicius Souza - Universidade Paulista
9.	2013	O uso da humanização no fotojornalismo do Jornal da Manhã	Sul: Santa Cruz do Sul - RS - DT 4 - Comunicação Audiovisual	Aline Jasper - UEPG Andressa Kaliberda - UEPG Carlos Alberto de Souza - UEPG
10.		Lugares de destaque da imagem: como se deu a valorização matemática e topográfica do fotojornalismo no jornal Folha de Irati entre 1973 e 2011		Andressa Kaliberda - UEPG Aline Jasper - UEPG Carlos Alberto de Souza - UEPG
11.	2014	O fotojornalismo nas Ciências Sociais: a violência como questão	Nordeste: João Pessoa - PB - DT 4 - Comunicação Audiovisual	Aline Gama de Almeida - UERN
12.		Fotojornalismo e discurso: análise das coberturas fotográficas da Folha de São Paulo e da Expedição Guarycaru sobre a cidade de Melgaço - PA	Norte: Belém - PA - DT 4 - Comunicação Audiovisual	Renato Souza do Nascimento - Faculdade Estácio do Pará Laércio Cruz Esteves - Faculdade Estácio do Pará

FONTE: AZOUBEL, 2015.



2. SURGIMENTO E RECONFIGURAÇÃO

O surgimento do fotojornalismo como o conhecemos hoje está associado ao entusiasmo dos primeiros “fotógrafos” que apontaram seus equipamentos para os acontecimentos com o intuito de levá-los ao público como testemunhos (SOUSA *apud* GUADAGNUCI, 2013, p. 1). É o que afirma a professora e pesquisadora Joyce Guadagnuci⁴ ao buscar as palavras de Jorge Pedro Sousa em *O fotojornalismo em questão* – texto datado de 2013. Na mesma direção, e ainda seguindo as palavras de Sousa, ela indica a publicação das imagens de um incêndio em Hamburgo, em 1842, publicadas pela revista inglesa *The illustrated London*, como precursora do que viria a ser classificado como fotojornalismo.

Adiante, em 1904, o uso das fotografias pelo tabloide *Daily Mirror* modificaria a relação das imagens técnicas como ilustração nos impressos. “Nesta (sic.) publicação, as fotografias foram promovidas, ocupando mais espaços nas páginas, antes preenchidos essencialmente por textos” (GUADAGNUCI, 2013, p. 2).

Tal promoção desemboca na modificação de comportamentos e na deflagração de outros, como “o aumento das tiragens e da circulação, com os consequentes acréscimos de publicidade e lucro”, dando margem ao surgimento do que a autora chama de “competição fotojornalística”.

A necessidade de rapidez deu origem à cobertura baseada na foto única, a convenção mais perene do fotojornalismo. Mas não foi somente a competição que estimulou a convenção da foto única. O fato de os fotógrafos operarem inicialmente com *flash* de magnésio também incentivou esta prática, pois este só possibilitava uma foto e também necessitava que as pessoas estivessem paradas. Segundo Freund (1995, p. 109), o uso dos flashes de magnésio, que deixavam as pessoas quase sempre de boca aberta e olhos fechados, e as câmeras muito pesadas faziam com que a escolha pelo fotógrafo se desse “mais pela força física que pelo talento”. O que evidencia que naquele momento o importante para os fotógrafos era conseguir uma foto nítidas (sic.), não importando o aspecto das pessoas fotografadas (GUADAGNUCI, 2013, p. 2).

Seguindo tal linha de raciocínio, o professor e pesquisador Marcelo Eduardo Leite⁵ indica em *As metralhadoras votam em Alagoas: a narrativa de uma tragédia*

⁴ Nota original: Jornalista, Mestre em Educação pela Unicamp e docente dos cursos de Jornalismo e Tecnologia em Fotografia da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, e-mail: joy.joyce@bol.com.br

⁵ Nota original: Doutor em Multimeios pela UNICAMP e Professor de Fotografia e Fotojornalismo no Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. E-mail: marceloeduardoleite@gmail.com



numa *fotorreportagem de José Medeiros* – texto datado de 2012 – que a migração de profissionais da Alemanha após a ascensão de Adolf Hitler permitiu a propagação do conhecimento editorial daquela nação pelo mundo. Países como Estados Unidos e França, já tendo abrigado tais profissionais, tornaram-se, então, berços das revistas *Life* (1936) e *Vu* (1928), respectivamente sendo a primeira totalmente pautada na veiculação de fotografias e, posteriormente, referência em fotorreportagens (FREUND, 2004, *apud* LEITE, 2012, p. 2).

Nessa perspectiva, há uma mudança nas convenções da fotografia, conduzida a assumir os impactos das mudanças sociais e tecnológicas. Afinal, equipamentos fotográficos – por mais sofisticados que fossem naqueles anos – não se operavam sozinhos. “As pessoas e assuntos flagrados [...] também passam a ter um novo significado, capazes de despertar emoções. E a fotografia não posada se torna um pré-requisito para o desenvolvimento de um fotojornalismo moderno” (GUADAGNUCI, 2013, p. 3).

Fotojornalismo esse que resulta também do surgimento e fortalecimento das revistas ilustradas, nas quais textos e imagens técnicas eram harmonizados para o relato das notícias, “pois nela(s) se desenvolve a reportagem de forma mais equilibrada, desde a busca pela informação, até a edição. Sendo que é a edição que estabelece entre a fotografia e o texto uma unidade informacional” (LEITE, 2012, p. 2).

A unidade da qual nos fala o autor diz respeito, ainda, à capacidade da fotografia de servir à construção de discursos, que foi ganhando espaço conforme os profissionais ligados ao seu processo de produção conquistavam maior autonomia para trabalhar com os temas que lhes cabiam. Para Leite, a construção de discursos fotográficos pode ser percebida desde o começo do século XX, quando, de acordo com ele, alguns fotógrafos já vendiam ideias pré-determinadas sobre os acontecimentos. Soma-se a esse fato “o progresso de inovação da indústria gráfica e a editoração, fazendo das primeiras décadas do século um campo fecundo para o surgimento de veículos da mídia impressa que tenha no uso da imagem algo fundamental” (LEITE, 2012, p. 1).

Entre tantas e profundas mudanças no mundo naquele começo de século, a pesquisadora Juliana de Oliveira Teixeira⁶ afirma ser a criação do primeiro tabloide

⁶ Nota original: Graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-graduada em Marketing, Comunicação e Vendas pela Universidade Norte do Paraná



fotográfico, o britânico *Daily Mirror*, em 1904, como marco da mudança conceitual da fotografia, haja vista que nele as fotografias eram dispostas em condição de paridade com os textos, deixando de ser ilustrações, informações secundarizadas, para se tornarem conteúdo informativo. “Além de inaugurarem uma nova maneira de informar, as fotografias passaram a promover a competição na imprensa – tanto fotojornalisticamente como pela necessidade de rapidez” (TEIXEIRA, 2011, p. 3).

Em “*Publicidade-choque*”: o uso de imagens fotojornalísticas na campanha United Colors of Benetton – texto datado de 2011 – a autora explica que a fundação das agências de notícias também contribuiu sensivelmente para completar o que ela define como “‘transnacionalização / transculturação’ da imagem fotojornalística”, uma vez que possibilitou o intercâmbio dos fatos visualmente retratados mundo afora.

Entre os assuntos difundidos pelas agências, as fotos-choque, decorrentes, inicialmente, da cobertura fotojornalística de conflitos bélicos, inauguram o que Teixeira classifica como “estética do horror” ao provocarem o público de maneira repulsiva e fascinante ao mesmo tempo (TEIXEIRA, 2011, p. 10). Afinal, “as fotografias de uma atrocidade podem dar origem a respostas contraditórias. Um apelo à paz. Um grito de vingança. Uma apreensiva consciência, continuamente alimentada pela informação fotográfica, de terem acontecido coisas terríveis” (SONTAG, 2003 *apud* TEIXEIRA, 2011, p. 11).

Na mesma direção, e valendo-se de predicados como veracidade, objetividade, honestidade e imparcialidade, a fotografia jornalística assumiu sobre si a pretensa função de informar de maneira objetiva e apartidária acerca dos fatos retratados. Longe de discutir se isso de fato acontece ou não, é importante salientar que, dispostas em veículos jornalísticos, as imagens técnicas tendem a ser percebidas pelo público como mais próximas do real justamente pelo caráter informativo que trazem consigo (TEIXEIRA, 2011, p. 12).

Tal encaminhamento é citado pela pesquisadora Deysi Oliveira Cioccarri⁷. Em *O caso Demóstenes: a queda do senador vista pelas fotografias do jornal Folha de S. Paulo e “não vista” pela Revista Veja* – texto datado de 2013 – a autora indica não se tratar de um documento inocente. Ao contrário, para ela, sempre há um motivo para a

(UNOPAR). Mestranda do Curso de Comunicação Visual do CECA-UEL. Bolsista da Capes, e-mail: juoliveira.teixeira@gmail.com

⁷ Nota original: Mestranda em Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento pela FACASPER, e-mail: deysioccarri@gmail.com



existência de uma fotografia. Buscando as palavras de Bóris Kossoy, Cioccarri explica que não é pertinente aceitar as fotografias como espelhos do mundo (CIOCCARI, 2013, p. 2).

Longe da neutralidade, tais imagens técnicas devem ser percebidas como “um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real” (CIOCCARI, 2013, p. 3). Trata-se, portanto, de um suporte à ação deliberada do ser humano para ratificar intenções. Pois, “bem ou mal utilizada, a fotografia é uma arma capaz de alterar hábitos, costumes, opiniões e modos de vida de muitos, simultaneamente; sem dúvida uma poderosa arma política e ideológica (CIOCCARI, 2013, p. 10).

Assim, quando diante de um fotografia, especialmente jornalística, faz-se necessário ir além de sua superfície na busca por significados. Alicerçando tal percepção em Kossoy e em Philippe Dubois, a autora afirma que a capacidade emotiva, transformadora, denunciativa e manipuladora das imagens técnicas revela o seu poder de informar ou desinformar. Logo, compreender o papel cultural delas permite ao leitor ir além do produto e alcançar o ato que lhe deu origem em uma perspectiva libertadora (CIOCCARI, 2013, p. 8 e 13).

Trata-se da distinção da primeira e da segunda realidades, mencionadas por Kossoy. Cioccarri parte da obra daquele autor para explicar os efeitos distintos na análise de imagens. A primeira realidade está associada ao momento de registro, ao corte operado no tempo e no espaço, uma cópia fiel do real. A segunda realidade, por outro lado, é aquela realidade representada pelo ato do ser humano de posse do equipamento fotográfico, uma criação/construção, limitada às bordas bidimensionais da imagem fotográfica, espécie de simulacro⁸, que remete ao original sem sê-lo.

A fotografia seria o simulacro mais próximo da ideia de representação visual que gera verossimilhança direta com o objeto fotografado, e isso provavelmente vem de um conceito, talvez inconsciente para a maioria das pessoas, mas presente em qualquer um que se interesse por fotografia: a câmera fotográfica simula o princípio ótico do olho humano, e portanto, tem um caráter de verossimilhança quase natural (CIOCCARI, 2013, p. 3).

⁸ A autora trabalha com o conceito de simulacro de Michel Maffesoli (1984): “daquilo que não remete a um modelo original, daquilo que não busca se lançar para além das aparências a fim de atingir a essência”.



Esse caráter de semelhança remete ao recorte do mundo social do qual falam os professores e pesquisadores Renato Souza do Nascimento⁹ e Laércio Cruz Esteves¹⁰. Em *Fotojornalismo e discurso: análise das coberturas fotográficas da Folha de São Paulo e da Expedição Guarycaru sobre a cidade de Melgaço - PA* – texto datado de 2014 – os autores revelam, recorrendo às palavras de Patrick Charaudeau, que nesse recorte conhecimentos e crenças sobre o mundo são tornados visíveis a cada comunidade pelas mídias. Sendo o público heterogêneo, uma racionalização é então operada de forma a habituar o sujeito a recortar o mundo de maneira similar ao que é feito pelas mídias (CHARAUDEAU, 2006 *apud* NASCIMENTO; ESTEVES, 2014, p. 5).

Para as pesquisadoras Aline Jasper¹¹ e Andressa Kaliberda¹²; e para o professor e pesquisador Carlos Alberto de Souza¹³, por não requerer conhecimentos prévios, a linguagem visual é ponto importante para a condução da vida em sociedade, sendo entendida por qualquer sujeito que a ela tenha acesso. “Assim, pode ser considerada mais democrática e inclusiva que outras formas de linguagem, como a escrita e oral” (JASPER; KALIBERDA; SOUZA, 2013, p. 1).

Em *O uso da humanização no fotojornalismo do Jornal da Manhã* – texto datado de 2013 – os autores afirmam que, apesar disso, não se trata de uma linguagem universal, haja vista que cada pessoa vai ler, decodificar, interpretar, a imagem de maneira particular sendo que, nesse processo, os contextos nos quais o leitor está inserido afetam diretamente o resultado da leitura, decodificação, interpretação. Pois, “variáveis como ambiente, idade, classe social, fatores culturais e econômicos, experiência de vida, grau de escolaridade, entre outras, interferem na maneira como o indivíduo percebe as mensagens visuais” (JASPER; KALIBERDA; SOUZA, 2013, p. 2).

⁹ Nota original: Renato Nascimento é jornalista, mestre em ciências da comunicação pela USP, coordenador e professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Estácio Fap. E-mail: renato.nascimento@estacio.br

¹⁰ Nota original: Laércio Esteves é publicitário, especialista em Docência do Ensino Superior e professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Estácio Fap. E-mail: laerciopublicidade@gmail.com

¹¹ Nota original: Discente do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: aline.jasper1@gmail.com

¹² Nota original: Discente do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: andressakaliberda@yahoo.com.br

¹³ Nota original: Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e da Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: carlossouza2013@hotmail.com



Sendo considerada uma forma de inclusão, a fotografia enquanto comunicação é permeada pelos sentidos a ela dados pelo fotógrafo, processo de criação que resulta da própria atitude do sujeito diante do mundo, bem como de seu “estado de espírito” e de sua ideologia (KOSSOY, 2011 *apud* JASPER; KALIBERDA; SOUZA, 2013, p. 2).

Já quando dispostas nas páginas das publicações, tais fotografias prescindem de argumentos que atraiam a atenção dos leitores para si mesmas. O pesquisador Vinícius Souza¹⁴ explica que vivemos em um meio circundado pelo fluxo incessante de imagens. Buscando as palavras de Susan Sontag, o autor revela que, quando se trata de recordar, a fotografia desponta como a mais pungente entre as formas de comunicar. “A memória congela o quadro; sua unidade básica é a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informações, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo (SONTAG, 2003 *apud* SOUZA, 2013, p. 1).

Em *Criando ícones: a construção da memória das guerras pelas fotos* – texto datado de 2013 – Souza afirma que tal fluxo nada diz além da qualidade do que aparece, preterindo o “ser” e o “ter” pelo “aparecer” em um monopólio da aparência (DEBORD, 1997 *apud* SOUZA, 2013, p. 4). E completa: “nada melhor para agarrar as pessoas pelas emoções do que usar imagens esvaziadas de seus sentidos e significados mais profundos” (SOUZA, 2013, p. 7).

Paralelamente, a professora e pesquisadora Aline Gama de Almeida¹⁵ narra que, recorrendo ao “espetáculo do sofrimento”, casos escolhidos e transformados em notícia desencadeiam uma “política de piedade”. Em *O fotojornalismo nas Ciências Sociais: a violência como questão* texto – datado de 2014 – a autora explica que essa prática inerente ao fotojornalismo serve tanto para mobilizar a sociedade em prol de mudanças quanto para que se “estanche” o sofrimento (ALMEIDA, 2014, p. 4).

Nesse caráter de urgência é que se percebe uma política da piedade em detrimento a uma política da justiça. Na primeira, leitores, espectadores e instituições são acionados emocionalmente para solução do caso, na segunda, [...], o trabalho de avaliação das instituições responsáveis pela justiça não é pressionado pelos atores estimulados pela mídia (ALMEIDA, 2014, p. 4).

¹⁴ Nota original: Doutorando do Curso de Comunicação da UNIP, e-mail: vgpsouza@uol.com.br Orientador: Prof. Dr. Eduardo Peñuela Cañizal, e-mail: epcaniza@usp.br

¹⁵ Nota original: Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da UERN.



No que tange aos assuntos retratados, Almeida esclarece que o conteúdo das fotografias está, muitas vezes, associado à relação entre pobreza e violência, pois, de acordo com ela, “os indivíduos mais abastados tem maior controle sobre sua imagem e essas correspondem à clichês” (ALMEIDA, 2014, p. 6). Na mesma direção, as sensibilidades visuais criadas em torno da veiculação de tais assuntos não só potencializam a comercialização dos jornais, mas contribuem para a manutenção de uma espécie de “conformidade social” diante da violência relatada (ALMEIDA, 2014, p. 8).

Como alternativa à abordagem do sofrimento – dominante na imprensa brasileira –, a humanização no registro fotográfico surge como estratégia para atizar a curiosidade do público. Baseado em histórias cotidianas, esse tipo de cobertura trata suas fontes como sujeitos inseridos em contextos sociais variados e não como simples “aspas” reduzidas a estereótipos. Para Jasper, Kaliberda e Souza, em vez de se preocuparem com a configuração dos fatos e com o imediatismo no relato dos mesmos, os profissionais da notícia tendem a contar histórias, conflitos, sentimentos e experiências de atores sociais protagonistas de si mesmos, e não meros figurantes (JASPER; KALIBERDA; SOUZA, 2013, p. 3).

Embora ainda não profundamente pesquisada no âmbito acadêmico, a humanização do fotojornalismo, ou o elemento humano, indicam os autores, é regra implícita no fazer profissional, mesmo que ideologicamente. “Isso fica claro no cuidado que esses profissionais têm em trazer figuras humanas em primeiro plano ou como elementos principais nas fotografias ou objetos que evoquem a vida humana” (JASPER; KALIBERDA; SOUZA, 2013, p. 3).

No que tange à diagramação de tais imagens nas publicações, em *Lugares de destaque da imagem: como se deu a valorização matemática e topográfica do fotojornalismo no jornal Folha de Irati entre 1973 e 2011* – texto datado de 2013 – Kaliberda, Jasper e Souza explicam que:

Ao observar o posicionamento das imagens, categorizando-as quanto ao espaço que ela ocupa no periódico, pode-ser (sic.) ter noções bastante claras quanto ao papel que essa imagem desempenha dentro de periódico. [...] Embora existam diversos recursos técnicos tais como infográficos, imagens e boxes que chamem atenção do leitor para diversas áreas do periódico, o espaço que o fotojornalismo ocupa demonstra a valorização que lhe é dada pela equipe de edição e diagramação (KALIBERDA; JASPER; SOUZA, 2013, p. 11).



O professor e pesquisador Lauriano Atilio Benazzi¹⁶ afirma em *Gêneros do fotojornalismo e o deslocamento imagético na produção do Jornal de Londrina: 1994 e 2011* – texto datado de 2012 – que as modificações decorrentes da inserção das tecnologias digitais – e da própria Internet – nas redações reconfiguraram sensivelmente o fazer jornalístico de um processo mais artesanal para uma rotina mais “fácil” no que tange à escolha e organização dos conteúdos nas páginas diagramadas (BENAZZI, 2012, p. 2).

Nessa direção, e apesar da relevante quantidade de imagens encontradas nos jornais, o número de fotografias com conteúdo editorial é reduzido quando comparado aos textos publicitários, ilustrações e infográficos (GUADAGNUCI, 2013, p. 7). Isso porque, para o professor e pesquisador Clério A. Back¹⁷, “a tecnologia sempre foi um dos fatores predominantes no desenvolvimento dos suportes de comunicação”, fato que desembocou no surgimento de novas práticas, na hibridização de processos e no desdobramento do conteúdo informativo em novas formas de veicular imagens técnicas e de ler o real (BACK, 2012, p. 2).

Em *Fotojornalismo e multimídia: relações entre novas potencialidades narrativas* – texto datado de 2012 – o autor explica que as transformações ocorridas no fotojornalismo durante o século XX caracterizam a área como uma das que mais se adequaram às mudanças tecnológicas. Para ele, e diante do fato de que grandes veículos comunicacionais brasileiros terem e continuarem tendo aderido às possibilidades da chamada multimídia com o intuito de alcançar o público, o “novo fotojornalismo” se vale de produções cada vez mais dinâmicas e criativas (BACK, 2012, p. 3-4).

As novas tecnologias assumem, nesse ponto, o papel de possibilitar aos profissionais um novo modo de ver o mundo. Os disparos dos equipamentos (cada vez mais rápidos) e as possibilidades de armazenamento e compartilhamento de dados alteram a forma de narrar os fatos, uma vez que aprofundam leituras e interações do público com esses recortes (BACK, 2012, p. 6-7).

A dinâmica de produção de imagens técnicas também é reconfigurada, uma vez que a velocidade com que o público as consome dita o ritmo com que devem ser

¹⁶ Nota original: Mestre em Comunicação e docente do curso de Comunicação Social da UEL – Universidade Estadual de Londrina. E-mail: lauriano.benazzi@gmail.com

¹⁷ Nota original Especialista em Artes Visuais, fotógrafo e professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, e-mail: cleriofotografia@gmail.com



produzidas, ponto que alicerça a nova experiência do ser humano com as fotografias jornalísticas (BACK, 2012, p. 9).

O pesquisador Eduardo Queiroga¹⁸ revela que, atualmente, vivemos em uma cultura ligada à ideia de interatividade entre seres humanos, informações e imagens que se interconectam e interrelacionam. “Essa interconexão diversa e crescente é devida, sobretudo, à enorme expansão das tecnologias digitais na última década (COSTA, 2003 *apud* QUEIROGA, 2010, p. 2).

Em *Coletivo fotográfico: autoria e fotojornalismo em tempos de articulação em rede* – texto datado de 2010 – o autor diz ser impossível refletir sobre fotografia sem esbarrar na questão tecnológica. Como consequência disso, a própria modificação nas percepções dos seres humanos acerca do mundo que os cerca são alteradas diante da massificação do uso de dispositivos técnicos que tornam possível perceber como máquina e sujeito modificam-se um ao outro continuamente.

Dessa forma, alerta Queiroga, “não podemos pensar as novas configurações nas práticas do fotojornalismo sem observar a sincronicidade com a cultura digital, com a reorganização em rede da sociedade, com as mudanças trazidas, [...], pelas possibilidades da comunicação mediada por computador” (QUEIROGA, 2010, p. 3).

Por fim, o autor destaca que tais mudanças ocorrem no bojo não só da divulgação, mas na circulação das imagens técnicas e de outros conteúdos e no impacto disso nas relações sociais que são construídas nesse novo contexto. São novas formas de pensar, produzir e de se relacionar que evocam, especialmente no caso do fotojornalismo, a problematização acerca da interferência do sujeito no funcionamento da máquina. Isso porque, para Queiroga, projetado para o uso pessoal, o equipamento fotográfico (cada vez mais automatizado) carrega consigo “uma distorção comum de que o autor de uma fotografia seria o sujeito que está atrás da câmera, ‘apertando o botão’” (QUEIROGA, 2010, p. 3 e 9).

CONCLUSÃO

Com base na análise dos dados coletados e à luz dos métodos de abordagem dialético e de procedimento comparativo, foi possível perceber pontos de convergência e de tensão entre os 12 estudos que compõem o *corpus* desta etapa da nossa pesquisa.

¹⁸ Nota original; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, e-mail: queiroga.eduardo@gmail.com



De acordo com o que fora analisado, a fotografia jornalística não só está afastada do ideal de neutralidade – pretensão alicerce jornalístico – como serve à construção de discursos capazes de alterar o relato dos fatos conforme os interesses dos agentes da notícia. Da mesma forma e em uma retomada histórica, a fundação das agências de notícias contribuiu para a instauração de um regime de “transnacionalização / transculturação da imagem fotojornalística” ao possibilitar a visibilidade do mundo.

Seguindo essa linha de raciocínio, é necessário encarar a imagem técnica como capaz de transpor e transformar o real; um suporte para ação dos seres humanos, munidos de intenções e motivações, em uma perspectiva possível de alterar hábitos, costumes, opiniões e modos de vida.

Isso porque, sendo uma representação fiel ao real, a fotografia é resultado de um recorte do mundo que revela conhecimentos e crenças, oriundos da experiência individual do fotógrafo e que, utilizados pela mídia, tende a habituar os sujeitos a recortarem o mundo de maneira similar.

Como forma de comunicar, as fotografias expandem o acesso aos sentidos nela contidos – resultados da atitude do sujeito diante do mundo, de seu “estado de espírito” e de sua ideologia – para além das fronteiras das linguagens escrita e oral, por exemplo.

Em um mundo de imagens, o apelo dos registros dramáticos despontam como catalizadores da atenção dos leitores de veículos comunicacionais. Trata-se da provocação de emoções com a veiculação de temas que potencializam a comercialização de jornais, bem como a uma espécie de “conformidade social”.

Como o avanço das tecnologias, tal provocação ganha força quando confrontada com a inserção das tecnologias digitais – e da própria Internet – nas redações, o que potencializa a produção de imagens técnicas em um lapso temporal diminuto e em uma rotina produtiva propícia à deliberada organização dos conteúdos nas páginas diagramadas com vistas à sensibilizar o leitor.

Por fim, as novas formas de ver o mundo decorrentes das relações dos seres humanos com as tecnologias possibilitam novas leituras e aprofundam interações do público com esses recortes de mundo, impactando em como as relações sociais são (re)configuradas geográfica, temporal e virtualmente.

Trata-se de um momento propício para reflexão do que vem sendo produzido tecnicamente e de como, particularmente no caso do fotojornalismo, a relação entre



ser humano e máquina se estabelece para relato visual dos acontecimentos mundo afora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline Gama de. **O fotojornalismo nas Ciências Sociais: a violência como questão**. Disponível em:

< <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1923-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

AZOUBEL, Diogo. **Fotojornalismo na Compós: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Disponível em:

< <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R44-0824-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015a.

_____. **Fotojornalismo na SBPJor: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo-Parte I**. Disponível em:

< <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R46-0506-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015b.

_____. **Fotojornalismo na SBPJor: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo-Parte II**. Disponível em:

< <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R48-0826-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015c.

BACK, Clério A.. **Fotojornalismo e multimídia: relações entre novas potencialidades narrativas**. Disponível em:

< <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0120-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

BENAZZI, Lauriano Atílio. **Gêneros do fotojornalismo e o deslocamento imagético na produção do Jornal de Londrina: 1994 e 2011**. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1109-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

CIOCCARI, Deysi Oliveira. **O caso Demóstenes: a queda do senador vista pelas fotografias do jornal Folha de S. Paulo e “não vista” pela revista Veja**. Disponível em:

< <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0424-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

FERREIRA, Soraya Venegas. **Violência em foco: o Prêmio Esso de Fotografia e a valorização do testemunho como gênero fundador do fotojornalismo**. Disponível em: <

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0191-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

GOVEIA, Fábio. **Verdade, representação e simulação: fotografia publicitária e fotojornalismo**. Disponível em: <

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0583-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.



GUADAGNUCI, Joyce. **O fotojornalismo em questão**. Disponível em:
< <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0847-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

JASPER, Aline; KALIBERDA, Andressa; SOUZA, Carlos Alberto de. **O uso da humanização no fotojornalismo do Jornal da Manhã**. Disponível em:
< <http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1364-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

KALIBERDA, Andressa; JASPER, Aline; SOUZA, Carlos Alberto de. **Lugares de destaque da imagem**: como se deu a valorização matemática e topográfica do fotojornalismo no jornal Folha de Irati entre 1973 e 2011. Disponível em:
< <http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1040-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

LEITE, Marcelo Eduardo. **As metralhadoras votam em Alagoas**: a narrativa de uma tragédia numa fotorreportagem de José Medeiros. Disponível em:
< <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1654-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

MOURA, Ranielle Leal. **José Medeiros e o fotojornalismo na Revista O Cruzeiro**. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-1104-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

NASCIMENTO, Renato Souza do; ESTEVES, Laércio Cruz. **Fotojornalismo e discurso**: análise das coberturas fotográficas da Folha de São Paulo e da Expedição Guarycaru sobre a cidade de Melgaço - PA. Disponível em:
< <http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0988-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

QUEIROGA, Eduardo. **Coletivo fotográfico**: autoria e fotojornalismo em tempos de articulação em rede. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1136-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

SOUZA, Vinícius. **Criando ícones**: a construção da memória das guerras pelas fotos. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0566-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.

TEIXEIRA, Juliana de Oliveira. **“Publicidade-choque”**: o uso de imagens fotojornalísticas na campanha *United Colors of Benetton*. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-1193-1.pdf> >. Acesso em 15 de maio de 2015.